

A ARTICULAÇÃO TEXTUAL DE REPORTAGENS DO JORNALISMO POLÍTICO: UM ESTUDO INTEGRADO DE ASPECTOS SEQUENCIAIS E RELACIONAIS

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Introdução

Nos últimos tempos, diferentes abordagens sobre tipologias textuais têm procurado ultrapassar um estudo redutor dos tipos de discurso, que se contentasse em apenas identificar as sequências discursivas de uma dada produção linguageira. Considerando que as sequências (narrativas, descritivas, etc.) não são imunes a influências do contexto (extra)linguístico, essas abordagens buscam integrar o estudo das sequências e o estudo de outros aspectos do discurso, como, por exemplo, as relações textuais e as representações genéricas. Nessa mesma perspectiva, este trabalho busca mostrar de que forma a articulação do estudo das sequências discursivas e o estudo das relações textuais pode contribuir para uma melhor compreensão do modo como ocorre o processo de articulação de sequências narrativas em textos específicos. Com o estudo exclusivo das sequências de discurso, identificam-se com precisão as porções textuais em que o locutor narra um acontecimento, bem como as fases ou episódios de que se compõe essa narração. Já com o estudo exclusivo das relações textuais, descreve-se a articulação dos constituintes do texto, identificando a hierarquia desses constituintes e os eventuais marcadores das relações que eles estabelecem entre si. Acredito que a combinação desses dois estudos possa ser importante para esclarecer as seguintes questões:

- a) Qual o estatuto hierárquico (principal ou secundário) de uma sequência narrativa específica?
- b) Qual a função que uma sequência narrativa específica exerce no interior de um texto?

Não é possível responder essas questões estudando apenas as sequências narrativas ou apenas as relações textuais. É preciso realizar um estudo em que aspectos sequenciais e relacionais se integrem.

Na tentativa de responder essas questões, este trabalho busca contribuições teóricas e metodológicas do Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001, MARINHO, PIRES & VILLELA, 2007). Para esse modelo, o discurso constitui uma forma de organização complexa, que não se define pelo estudo isolado das condições de produção (contexto), nem apenas pela descrição da articulação dos constituintes textuais, nem pela análise exclusiva da sintaxe e do léxico. Ao contrário, estudar a produção e a interpretação do discurso implica a articulação das dimensões linguística, textual e situacional.

Nas seções que seguem, apresentamos inicialmente o método utilizado na realização deste trabalho. Em seguida, serão apresentados os resultados gerais obtidos com nossa análise. Por fim, focalizaremos o estudo das sequências narrativas que, na estrutura dos textos analisados, funcionam como argumentos para a defesa de um ponto de vista.

1. Percorso de análise

Para estudar a articulação de sequências narrativas em textos específicos, selecionamos seis reportagens originalmente publicadas em duas edições da Revista Veja¹. Essas reportagens compõem a seção Brasil, seção da revista dedicada à abordagem de acontecimentos da política nacional.

Feita a seleção dos textos, a primeira etapa da análise consistiu em identificar as sequências que entram na composição de cada uma das reportagens. O modelo modular considera três categorias de tipos de discurso: narração, descrição e deliberação. Esses tipos são definidos em termos de representações mentais típicas, que, em produções textuais específicas, assumem configurações particulares e se textualizam em forma de sequências narrativas, descritivas ou deliberativas. A noção de tipo de discurso adotada pelo modelo modular é muito próxima da noção de tipo elaborada por Adam (1992), que os concebe como protótipos.

Tratando especificamente do tipo narrativo, ele constitui uma noção complexa, cuja definição envolve informações de ordem referencial e de ordem textual. No plano referencial, a narração se define com a ajuda da noção de cadeia culminativa de acontecimentos.

Filliettaz (1999) considera que as diferentes formas de expressão da narratividade representam acontecimentos que se articulam em uma cadeia culminativa. A hipótese dessa cadeia repousa sobre a ideia

¹ Essas reportagens fazem parte do corpus da pesquisa apresentada em Cunha (2008) e foram veiculadas nas edições de Veja dos dias 5 e 12 de janeiro de 2005.

de que toda história pressupõe uma tensão entre acontecimentos desencadeadores e acontecimentos conclusivos, o que resulta na transformação dos personagens e da situação em que eles se encontram inicialmente implicados. É nesse sentido que as narrações se distinguem das listas de ações, como, por exemplo, receitas culinárias. Como bem o observa Adam (1992), nas listas de ações, estas se organizam de forma linear, obedecendo a uma lógica simplesmente cronológica. Nas narrações, ao contrário, os acontecimentos, ainda que estejam cronologicamente ordenados, obedecem a uma lógica causal, em que acontecimentos anteriores funcionam como a causa de acontecimentos posteriores. No modelo modular, essa cadeia culminativa de acontecimentos se representa da seguinte forma:

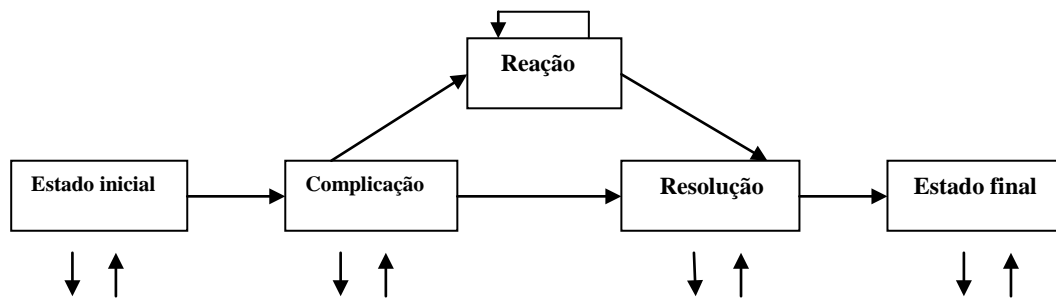


Figura 1: Cadeia culminativa de acontecimentos

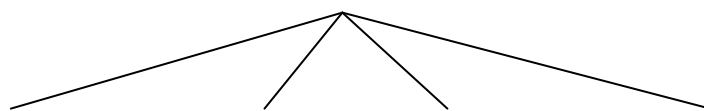
É importante que se compreenda essa cadeia de acontecimentos como a representação referencial que subjaz a todas as sequências narrativas e não como a estrutura de uma sequência narrativa específica. De fato, esse organograma articula de forma esquemática os acontecimentos ou os episódios que são típicos de uma representação de história. Em produções linguageiras particulares, a organização dos acontecimentos de uma narração tanto pode assumir uma configuração típica, muito próxima da representação referencial de história, como pode assumir uma configuração atípica, em que nem todos os acontecimentos estão explicitamente verbalizados. O que garante a variação no grau de tipicidade das produções linguageiras particulares são as regras de recursividade próprias do organograma acima. Nele, um número restrito de componentes é capaz de gerar a imensa diversidade das formas narrativas, o que é representado pelas setas. A noção de cadeia culminativa de acontecimentos constitui, portanto, um instrumento teórico flexível, que não apresenta um caráter normativo, porque não corresponde a um padrão com que uma dada sequência discursiva deve se identificar para ser considerada uma sequência narrativa (ROULET, FILLIETTAZ & GROBET, 2001).

Para ilustrar o processo de identificação de uma sequência com base na cadeia culminativa, apresentamos abaixo um fragmento extraído da reportagem “Uma vitória da parceira tucano-petista”, que trata do acordo firmado entre o governo federal e a oposição para criação de parcerias público-privadas (PPPs). Esse fragmento aborda os problemas apresentados pela versão inicial do projeto de criação das PPPs, bem como as mudanças por que essa versão passou, a partir do acordo entre governo e oposição:

1. (36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) __ o que retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças.²

Esse fragmento constitui uma sequência narrativa, porque atualiza uma configuração específica da cadeia culminativa, configuração que pode ser representada por meio da seguinte estrutura:

Sequência narrativa



² A numeração indica que o fragmento foi segmentado em atos. O ato é a unidade mínima de análise proposta pelo modelo modular.

ESTADO INICIAL (atos (36-41))	COMPLICAÇÃO (atos (42-43))	RESOLUÇÃO (atos (44-45))	ESTADO FINAL (ato (46))
----------------------------------	-------------------------------	-----------------------------	----------------------------

Figura 2: estrutura praxeológica da sequência narrativa

Nessa sequência narrativa, o *estado inicial* diz respeito aos problemas ligados à primeira versão do projeto de criação das PPPs. Esses problemas causaram uma *complicação*, a qual se refere à troca de acusações entre governistas e opositores. A troca de acusações se resolveu por meio da transigência do governo e da oposição (*resolução*), o que levou a mudanças no primeiro projeto (*estado final*).

Identificadas as sequências narrativas que entram na composição das reportagens, a segunda etapa da análise buscou estabelecer as configurações macro-textuais dos textos. No modelo modular, essas configurações descrevem a hierarquia dos constituintes do texto, bem como as relações que se estabelecem entre esses constituintes e informações ativadas no contexto linguístico ou cotexto.

O instrumento de análise que está na base desse estudo é a estrutura hierárquica. As estruturas hierárquicas são formadas pelos três tipos de constituintes que os interactantes produzem em toda interação verbal: trocas, intervenções e atos. A troca constitui a unidade textual máxima e é formada por intervenções, que refletem as várias proposições, reações e ratificações de um diálogo. Já a intervenção pode ser formada por apenas um ato principal, mas, mais frequentemente, a intervenção apresenta uma configuração complexa, da qual participam outras intervenções, atos e até mesmo trocas. O ato, por fim, constitui a unidade textual mínima e pode ser definido como a menor unidade delimitada por uma e outra passagem da memória discursiva³.

Os constituintes das intervenções se relacionam por meio de relações interativas. No modelo modular, distinguem-se oito categorias genéricas de relações interativas: argumento, contra-argumento, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, comentário e clarificação. O estabelecimento dessas categorias genéricas de relações se justifica pelo fato de que o locutor, ao pode produzir intervenções complexas, pode introduzir argumentos para reforçar um ponto de vista, rejeitar uma ideia com a apresentação de contra-argumentos, fazer comentários sobre partes de seu texto, reformular ideias, tornando-as mais claras para seu interlocutor, enumerar os sucessivos eventos de uma narração, etc. (ROULET, 2003, 2006).

A figura abaixo representa a macro-estrutura hierárquica do fragmento apresentado anteriormente. As fases da estrutura apresentada na figura 2 se ancoram nos constituintes dessa macro-estrutura hierárquica (I = intervenção; A = ato; p = principal; s = subordinado):

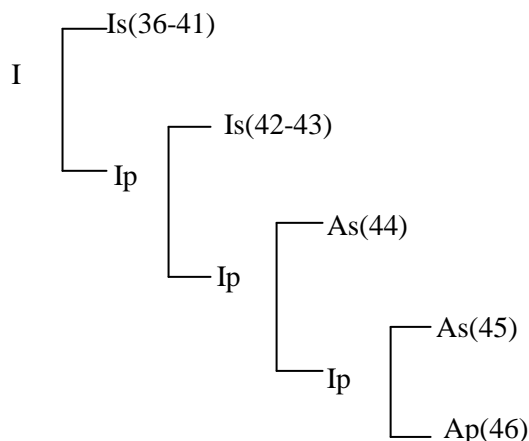


Figura 3: macro-estrutura hierárquica da sequência narrativa

Nessa macro-estrutura, a Is(36-41), em que se ancora o *estado inicial*, é subordinada pela Ip(42-46), em que se ancoram as demais fases da cadeia de acontecimentos dessa sequência narrativa. Da mesma maneira, a Is(42-43), em que a *complicação* se manifesta, é subordinada pela Ip(44-46), onde se manifestam a *resolução* e o *estado final*. Esse processo de subordinações retroativas prossegue, até que se chega ao ato principal (46), o qual carrega a informação correspondente ao *estado final* da sequência. Conforme a macro-

³ A memória discursiva é definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (BERRENDONNER, 1983, p.230).

estrutura acima, o ato que traz o *estado final* é o mais importante, porque apresenta a última fase da cadeia de acontecimentos esquematizada na estrutura praxeológica dessa sequência narrativa.

Por fim, a terceira e última etapa da análise consistiu em integrar o estudo que identificou as sequências discursivas e o estudo que descreveu as configurações macro-textuais das seis reportagens, a fim de identificar

a) O estatuto hierárquico (principal ou secundário) das sequências narrativas encontradas.

b) A função (argumento, contra-argumento, comentário, etc.) que as sequências narrativas encontradas exercem no interior de cada reportagem.

Os resultados dessa terceira etapa serão apresentados na sequência deste trabalho.

2. Resultados da análise

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, esta seção apresentará os resultados gerais relativos às sequências narrativas encontradas nas seis reportagens analisadas. Não serão apresentadas, portanto, informações sobre as sequências que atualizam os tipos descritivo e deliberativo. É importante destacar apenas que as reportagens apresentam uma heterogeneidade composicional significativa, o que equivale a dizer que a maioria das reportagens é composta por sequências pertencentes aos três tipos de discurso. A única exceção foi a reportagem intitulada “Tem até antimíssil”, que é composta predominantemente por sequências descritivas, apresenta algumas sequências deliberativas e, contrariando uma expectativa do gênero *reportagem*, não conta com nenhuma sequência narrativa. A explicação para esse fenômeno talvez esteja na temática da reportagem em questão. Ela trata de um avião presidencial adquirido pela FAB no final de 2004. Em linhas gerais, a reportagem descreve as características que fazem do avião presidencial um dos aviões mais modernos que havia na época. Daí a ausência de sequências narrativas e a pequena quantidade de sequências deliberativas.

Quanto às outras cinco reportagens, todas elas apresentam sequências narrativas. O quadro abaixo traz, na coluna da esquerda, o título das reportagens e, na coluna da direita, a quantidade de sequências narrativas encontradas em cada uma delas.

Reportagens	Quantidade de sequências
Fantasmas maranhenses	6
Uma vitória da parceria tucano-petista	4
Por que eles querem presidir a Câmara	5
Turma do barulho	4
Tem até antimíssil	Ø
A casa do presidente	2
Total de sequências narrativas	21

Como foi dito na seção anterior, a terceira etapa da análise consistiu em integrar o estudo que identificou as sequências e o estudo da macro-estrutura das reportagens, a fim de extrair informações sobre o estatuto hierárquico das sequências narrativas e sobre a função que exercem nos textos.

Sobre o estatuto hierárquico, verificou-se que, das 21 sequências, apenas seis apresentam o estatuto de constituintes principais do texto. Na macro-estrutura hierárquica, é possível visualizar o lugar ocupado por essas sequências por meio do seguinte esquema (I = intervenção, p = principal, s = secundário):

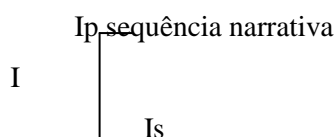


Figura 4: sequência narrativa principal

As seqüências narrativas que apresentam o estatuto de constituintes subordinados formam um total de quinze seqüências. O lugar que ocupam, na macro-estrutura, pode ser visualizado no esquema abaixo:

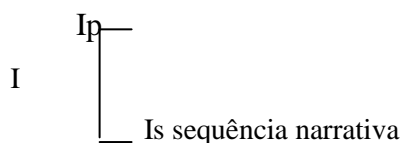


Figura 5: seqüência narrativa subordinada

Como resposta à primeira pergunta feita na introdução deste trabalho, o estudo que combinou as seqüências narrativas e a articulação textual trouxe alguma evidência de que, em reportagens do jornalismo político, as seqüências narrativas ocupam preferencialmente o lugar de constituintes subordinados na macro-estrutura textual.

Quanto à função que essas seqüências exercem, as seis que têm o estatuto de principais apresentam informações que são de fundamental importância para a construção de sentidos do texto. Não por acaso, a maior parte dessas seqüências (cinco) inicia reportagens e constitui o lide, parte do texto em que o jornalista, para oferecer ao leitor um panorama do que trata a reportagem, fornece respostas às perguntas: quem?, onde?, quando?, por que? e como? Um exemplo das seqüências narrativas que funcionam como lide é retirado da reportagem “Turma do barulho”.

2. Eles já são uma espécie de facção informal do PT. (02) Liderado pela ex-prefeita de São Paulo Marta Suplicy, (03) o grupo formado pelos ex-secretários municipais Jilmar Tatto, Rui Falcão e Valdemir Garreta, pelo vereador Arselino Tatto e pelo marido da petista, Luis Favre, vem há tempos desafiando a direção nacional do partido. (04) Na semana passada, (05) o grupo deu nova mostra de rebeldia: (06) apoiou o candidato dissidente dos tucanos Roberto Trípoli à presidência da Câmara dos Vereadores de São Paulo, (07) enquanto o presidente nacional do PT, José Genoíno, trabalhava para eleger Ricardo Montoro, candidato do prefeito José Serra.

Já as que têm o estatuto de constituintes subordinados realizam funções mais variadas, dependendo da relação interativa que estabelecem com informações ativadas no co-texto. Assim, a análise das relações textuais que se estabelecem entre essas seqüências e o cotexto, na macro-estrutura das reportagens, permitiu verificar que, das quinze seqüências subordinadas, uma participa de uma relação de preparação, três participam de relações de contra-argumentação e onze participam de relações de argumentação.

A seqüência que exerce a função de preparação ocorre na reportagem “Uma vitória da parceria tucano-petista” e foi objeto de análise na seção anterior (ver figuras 2 e 3). Entretanto, a análise realizada anteriormente recaiu sobre a configuração interna da seqüência e não trouxe indicações da função que ela exerce em relação ao cotexto, objetivo desta parte do trabalho. Reproduzimos a seguir a seqüência narrativa (em itálico) e o trecho do texto para o qual a seqüência funciona como uma preparação.

3. *(36) O problema, porém, é que a versão inicial do projeto oficial pecava pela falta de controles. (37) Não continha limite de gastos (38) nem impedia que algumas obras fossem incluídas sob o guarda-chuva generoso das PPPs (39) mesmo sendo lucrativas. (40) Também não impedia que as empresas privadas fossem buscar no BNDES e nos fundos de pensão todo o dinheiro necessário para fazer as obras de PPPs (41) — o que retiraria completamente o risco privado. (42) No início, (43) uma troca de acusações transmitiu a impressão de que o projeto ficaria indefinidamente obstruído. (44) Mais tarde, felizmente, (45) governo e oposição transigiram, (46) e o projeto foi aprovado com mudanças. (47) Em sua forma final, (48) o projeto das PPPs estabelece que estados, municípios e a União só poderão comprometer até 1% de sua receita líquida anual com recursos que darão (49) para complementar a rentabilidade dos investidores. (50) Além disso, a lei estipulou que o BNDES e os fundos de pensão, juntos, só poderão participar com até 80% do financiamento das obras. (51) Em algumas regiões mais pobres, (52) esse percentual sobe para 90%. (53) O Ministério do Planejamento já tem 23 projetos com valor de 13 bilhões de reais que podem ser executados por meio das PPPs.*

Na sequência narrativa, o autor trata dos problemas constantes na versão inicial do projeto e menciona que, em vista desses problemas, o projeto foi aprovado com mudanças. Somente depois de realizar esse percurso é que o autor traz informações sobre a forma final do projeto. Portanto, com a sequência narrativa, são apresentadas ao leitor informações que constituem uma preparação para ele compreender que o formato final das PPPs constitui o resultado de um consenso entre governo e oposição.

A seguir, apresentamos um trecho da reportagem “A casa do presidente”, que trata das férias que o filho de Lula e amigos passaram em Brasília e da polêmica que o fato provocou. Nesse trecho, a parte em itálico constitui uma das três sequências narrativas que participam de relações de contra-argumento.

4. *Em julho do ano passado, (02) Luís Cláudio, filho do presidente Lula, e um grupo de catorze amigos paulistas passaram as férias em Brasília. (03) Hospedaram-se no Palácio da Alvorada, (04) fizeram churrasco na Granja do Torto, (05) passearam de lancha no Lago Paranoá (06) e conheceram os principais gabinetes do Palácio do Planalto. (07) O episódio veio à tona na semana passada, em fotos divulgadas na internet pelos próprios garotos, (08) e causou polêmica. (09) A oposição prometeu abrir uma investigação (10) e pedir a devolução de todo o dinheiro oficial gasto na estada brasiliense dos jovens.*

(11) Há uma boa dose de exagero nessa reação. (12) Durante o mandato, (13) o Palácio da Alvorada é a casa do presidente. (14) É seu “lar”, (15) para usar uma palavra de conotações mais fortes. (16) Não existem impedimentos legais para ele receber as visitas que desejar ali, (17) ainda que sejam amigos do filho.

Nesse fragmento, o jornalista procura enfraquecer o peso das informações apresentadas na sequência narrativa. Para isso, traz um contra-argumento, ao defender que há uma boa dose de exagero na reação da oposição, já que o Palácio da Alvorada é a casa do presidente. Nesse sentido, o estatuto de subordinado dessa sequência narrativa se explica pelo fato de a informação principal, que exibe uma maior força argumentativa, se encontrar na parte do texto que se opõe às informações que veicula.

Como as sequências que entram em relações de argumentação são em maior número, elas serão tratadas à parte na próxima seção.

3. Sequências narrativas e argumentação

Como foi dito anteriormente, das quinze sequências narrativas subordinadas, onze funcionam como argumento. A quantidade de sequências narrativas empregadas com essa função parece ser um indicador de que, em reportagens do jornalismo político, a narração de acontecimentos da política nacional não constitui um recurso meramente informativo. Ou seja, o jornalista não narra apenas para informar. As sequências parecem ter um papel claramente argumentativo, porque atuam na defesa de pontos de vista do jornalista e, em consequência, na persuasão do leitor. Apresentamos a seguir um exemplo dessas sequências, extraído da reportagem “Uma vitória da parceria tucano-petista”.

5. (26) Dos 57.000 quilômetros que formam a principal parte da malha rodoviária do país, (27) metade está com pavimento comprometido. (28) A extensão ferroviária não ultrapassa os 30.000 quilômetros desde 1970. (29) Sozinho, (30) o governo não tem dinheiro para essas obras de infraestrutura. (31) Não se trata apenas de um problema federal.

(32) Angustiadados com a mesma falta de investimentos, (33) governadores tucanos como o paulista Geraldo Alckmin e o mineiro Aécio Neves fizeram suas próprias PPPs (34) e esperavam pela legislação federal (35) para adaptá-las e colocá-las em prática.

No fragmento acima, a sequência narrativa (em itálico) funciona como um argumento para defender que a falta de dinheiro para obras de infraestrutura não é um problema apenas do governo.

Entretanto, embora todas tenham em comum a função de argumento, cada sequência narrativa apresenta especificidades, que dizem respeito à forma como a sequência se liga ao cotexto. Em algumas sequências, as informações que trazem exemplificam uma informação anteriormente expressa. Tratando das vantagens de ser presidente da Câmara dos Deputados, o autor do texto “Por que eles querem presidir a Câmara” diz

6. (40) Outra exclusividade do presidente é a definição do ritmo das apurações de irregularidades na Casa.

(41) O processo de cassação do deputado André Luiz (PMDB-RJ), por exemplo, andou rápido por empenho de João Paulo. (42) Outro, como o do deputado Pedro Corrêa, envolvido com a máfia dos combustíveis, está se arrastando há seis meses.

Nesse trecho, a sequência narrativa (em itálico) traz exemplos que visam a reforçar a tese de que a definição do ritmo das apurações de irregularidades é uma exclusividade do presidente da Câmara.

Outras sequências parecem ser empregadas com a função de levar o leitor a inferir o que o jornalista não pode dizer explicitamente. No texto que trata das férias que o filho de Lula e amigos passaram em Brasília (“A casa do presidente”), diz o autor

7. (30) Se as reclamações sobre a farra juvenil em Brasília têm onde se apoiar, (31) é no uso de um avião e de uma lancha com bandeira oficial. (...) (37) O uso do avião e da lancha representa, no mínimo, uma contradição.
(38) Em 1999, (39) os petistas tentaram criar uma comissão parlamentar de inquérito (40) para investigar os ministros do governo tucano que usaram jatinhos oficiais (41) para passar férias na praia. (42) Alguns foram obrigados a restituir dinheiro à União (43) e outros respondem a processo até hoje.

Para defender que o uso do avião e da lancha pelo filho de Lula representa uma contradição, o jornalista conta, na sequência narrativa, que, na época em que os petistas eram oposição, ministros tucanos usaram jatinhos oficiais para passar as férias na praia e que, por isso, os petistas tentaram criar uma CPI. Sem dizer que contradição é essa, o jornalista deixa para o leitor inferir que, segundo o seu ponto de vista, os petistas (ou seus parentes) praticam hoje as atitudes que condenavam, quando eram da oposição. O emprego da sequência narrativa parece funcionar, portanto, como uma estratégia, por meio da qual o jornalista diz sem dizer e, assim, se protege de possíveis ataques.

Como se vê, as sequências narrativas que, na macro-estrutura, funcionam como argumentos para a defesa de um ponto de vista apresentam particularidades, que as distinguem umas das outras.

Conclusão

Neste artigo, apresentamos os resultados de um trabalho que procurou integrar o estudo das sequências discursivas e o estudo das relações de discurso. Com base em um corpus formado por seis reportagens, identificamos, num primeiro momento, as sequências discursivas de que os textos se compõem, a fim de extrair as sequências narrativas existentes. Em seguida, analisamos as relações de discurso que os constituintes das reportagens estabelecem num nível macro-textual. Por fim, combinamos esses estudos, como o objetivo de precisar o estatuto principal ou subordinado das sequências narrativas, bem como a função que exercem no interior dos textos.

Nesse terceiro momento da análise, obtivemos indicações de que, em reportagens do jornalismo político, as sequências narrativas não exercem um papel meramente informativo. Ao contrário, essas sequências, na maior parte das ocorrências estudadas, têm o estatuto de constituintes subordinados e funcionam como argumentos, com que o jornalista procura defender um ponto de vista acerca de acontecimentos da política nacional. Como vimos, nos exemplos apresentados, o autor apresenta seu ponto de vista por meio de uma afirmação e, logo em seguida, narra um acontecimento que reforça, exemplifica ou ilustra essa afirmação. Nesse sentido, a narração de acontecimentos políticos parece atuar como uma estratégia com a qual o jornalista pode assumir um posicionamento político, sem que o acusem de não ser imparcial.

Referências bibliográficas

- ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.
- CUNHA, G. X. *O sequenciamento de textos como estratégia discursiva: uma abordagem modular*. 2008. Dissertação (mestrado em Análise do Discurso) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- FILLIETTAZ, L. Une approche modulaire de l'hétérogénéité compositionnelle du discours: Le cas des récits oraux. *Cahiers de linguistique française* 21, p. 261-327, 1999.
- MARINHO, J. H. C, PIRES, M. S. O. & VILLELA, A. M. N. (Orgs.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007.
- ROULET, E. Une approche modulaire de la problématique des relations de discours. In: MARI, H. et alii. *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003, p. 149-178.
- ROULET, E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: FISCHER, K (ed.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 115-131.
- ROULET, E., FILLIETTAZ, L. & GROBET, A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.